

A Dr^a Maria de Jesus, ou a 'soutora'

Há momentos assim em que nos temos de olhar de mais distante, de mais alto, para compreender o que sempre soubemos: que vidas acabam e nos deixam um vazio que jamais será preenchido. Que há vozes e expressões que nunca mais ouviremos, gestos que apenas na nossa memória perduram, memórias que apenas para nós fazem sentido.

Não sendo inesperada, porque há 12 dias a esperávamos, é um choque, porque é sempre um choque descobrir que é verdade a mais antiga lei do mundo. Eu vejo-a, maior do que eu, as mãos entrelaçadas; depois repousando na enorme varanda de uma casa (e uma quinta) que era do meu tio Álvaro, onde ela e Mário Soares estavam; na Índia, em cima do elefante que subia para o forte Amber, em Jaipur, numa visita oficial do Presidente da República, que era o seu marido; há dias, há poucos dias, a mostrar-me com o cuidado devido às coisas preciosas uma fotografia sua com o Papa Francisco. Misturam-se décadas, situações, recordações, mas há a constante ternura, o afeto, a delicadeza, a discrição, a elegância.

Um dia em que no Colégio Moderno fomos confrontados com a presença (rara, porque então no exílio) do Dr. Mário Soares, um dos meus colegas perguntou em voz audível que nos provocou uma risada: “Então, mas aquele é que o marido da soutora”. Era. E ficou. Por vezes ainda chamava a Soares “o marido da soutora”, coisa que ele recebia com um misto de humor e uma ponta de inveja. Sim a Dr^a Maria de Jesus calava-nos com um simples olhar...

Nos últimos anos do liceu éramos esquerdalhos e fazíamos trinta por uma linha e ela, que nunca fora medrosa, mas sempre prudente, que juntava esses dotes raros – ainda mais raros quando conjugados – que são a coragem e o bom senso



POR
Henrique Monteiro

Redactor principal,
Jornal *Expresso*; membro
do Conselho Editorial
de *Nova Cidadania*

– avisava-nos: “Não querem que nos fechem o colégio, pois, não?”. Aconselhava-nos não a resignação, mas a inteligência.

Se é verdade – porque não sei se é – que por detrás de um grande homem há sempre uma grande mulher, como se diz, Maria de Jesus Barroso é a ilustração perfeita dessa frase.

Foi, desde sempre, desde antes de conhecer o marido, na Faculdade de Letras, uma lutadora contra a ditadura. Era uma atriz de sucesso, a quem o regime retirou o palco; foi uma declamadora que incendiava plateias com os versos (as mais das vezes subversivos). Antes de Soares ser mais do que o filho do Dr. João Soares, ministro da República, pedagogo e fundador do Colégio, foi ela uma voz rebelde, tão firme quanto serena.

Esta espécie de força serena acompanhou-a sempre, até à conversão ao catolicismo na sequência do terrível desastre que, por semanas, deixou entre a vida e a morte João Soares. Mas nada de substancial nela mudou. A Fé e a Esperança já existiam. A Caridade, se a entendermos no seu étimo, usar o coração para ajudar os outros, também. As suas

preocupações sociais eram concretas, reais e não teóricas, ao contrário de tanta gente que ama a humanidade no geral, mas ninguém pessoalmente. Assim como o seu desejo de paz, que teve influência em África, nomeadamente em Angola e Moçambique, e a sua feroz condenação de qualquer violência – o que a levou a ter posições muito críticas para a Comunicação Social, nomeadamente para as televisões.

Como escrevi no Facebook e já disse hoje na SIC, Maria de Jesus Barroso é uma mulher de armas. Esteja onde estiver, é uma mulher de armas. É uma grande senhora, que faz muita falta ao marido, aos filhos e netos, à família, aos amigos e ao país. É uma reserva de amizade e de ternura. Tudo isto é escrito por quem fica para sempre admirador da sua sensatez, capacidade de luta e veracidade. Esteja onde estiver quero vê-la outra vez, pegar-lhe nas mãos, chamar-lhe soutora e ouvir a sua voz serena. Ela, para mim, não é a ex-primeira dama, nem a fundadora do PS, nem a deputada, nem a atriz, nem a fantástica declamadora de poesia. É a minha professora, a mestra da minha meninice, adolescência, juventude e aquela que ainda há poucos dias me segredava o orgulho que tinha nos seus alunos, sem nunca saber o orgulho que todos tínhamos nela. Na sua independência de espírito.

Uma pessoa assim não morre nem se apaga, fica connosco. Com todos nós, sempre!

Não tenho mais nem melhores palavras. ■
in *Expresso* Diário, 7 de Julho de 2015